

Reflexões estéticas: um caminho para um novo curinga

Marcia Pompeo Nogueira¹, Sonia Laiz Vernacci Velloso²

Palavras-chave: curinga, bobo da corte, teatro do oprimido

A função do curinga é investigada teoricamente para identificar alternativas aos problemas encontrados na prática. Nossa experimentação com o curinga aconteceu no contexto de uma formação em Teatro do Oprimido, pelo Centro de Teatro do Oprimido do Rio de Janeiro, vinculada a uma prática de estágio, na comunidade do Canto da Lagoa. Nas duas práticas de “curingagem” realizadas, experimentamos uma tensão e uma falta de clareza de como envolver os espectadores no debate e na ação proposta pelo fórum criado. Como ir além das fórmulas propostas no livro de Boal? Como ampliar o vínculo com o público? Estas dúvidas nos guiaram nesta investigação que teve dois focos: o “Sistema Coringa”, criado pelo Teatro de Arena, onde alternativas estéticas foram propostas no trabalho do ator, e os desafios propostos por Tim Prentki de “enlouquecer” o curinga, fundamentados na análise do papel do *trickster*. Esta figura mítica, presente em todas as culturas, normalmente tem a função de provocar transformações a situações de acomodação. Assume tanto a imagem de um malandro, trapaceiro, como a de um herói, quase sempre burlando as regras. O *trickster* também se aproxima de outro personagem lendário, existente desde a antiguidade, o bobo da corte, que é representado no baralho pela carta do Curinga, cujas histórias “sem pé nem cabeça” mostram incongruências nos poderosos. Estas alternativas estão na base de propostas a serem experimentadas por um novo curinga.

¹ Professora do departamento de Artes Cênicas do Centro de Artes da UDESC.

² Acadêmica do curso de Licenciatura e Bacharelado em Teatro do Centro de Artes – UDESC, bolsista de iniciação científica PROBIC/UDESC.